

Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora: por um cinema de arte.

ALESSANDRA SOUZA MELETT BRUM^{*}

A cidade de Juiz de Fora repercute de maneira peculiar, nos anos 1950 e 1960, o processo acelerado de industrialização e urbanização das cidades brasileiras que modificaram substancialmente os costumes e os modos de vida da população. Pioneira no setor da indústria têxtil no país, Juiz de Fora a partir da década de 1930 vai perdendo seu papel de destaque no setor industrial no estado de Minas Gerais para a nova capital Belo Horizonte. A falta de investimentos no setor, aliado ao fim da segunda Guerra Mundial, quando as exportações sofrem uma queda vertiginosa, tornam a indústria têxtil local cada vez mais periférica e ainda mais vulnerável a nova realidade do mercado nacional e internacional (SILVA, 2011). É justamente nesse momento de investimentos pesados na industrialização do país, marca do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), que Juiz de Fora passará por um processo de transição econômica com forte impacto na sociedade local. Como afirma Christina Musse:

Se o processo de "desindustrialização" já vinha acentuando desde a década de 40, se a cidade atravessa os anos 50, vendo ser reconfigurada a sua vocação, isto é, ela vai abandonando o mito de Manchester e assumindo paulatinamente o perfil de cidade terciária e prestadora de serviços, os anos 60 trazem o golpe de misericórdia, isto é, praticamente enterram uma cidade e recriam outra, à imagem e semelhança das novas elites que chegam ao poder. Ao mesmo tempo, de forma paradoxal, este período se caracteriza como um dos mais ricos e curiosos da produção cultural da cidade. (MUSSE, 2008, p.137)

Apesar desse processo de transição econômica, Juiz de Fora vive uma forte efervescência na área cultural, como a grande maioria das cidades brasileiras, que faz nascer na cidade grupos de teatro, música, cinema e poesia. Não podemos deixar de registrar que dentre essas manifestações culturais podemos incluir também a criação em 1960 da Universidade Federal de Juiz de Fora, marco fundamental para o desenvolvimento da cidade.

^{*} Alessandra Brum é Professora do Curso de Cinema e Audiovisual e do Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens do Instituto de Artes e Design da UFJF/MG. Essa pesquisa conta com o apoio da Pró-reitoria de Cultura da UFJF.

Em 1957, acompanhando, mesmo que de forma tardia, a tendência de criação de cineclubes pelo Brasil, surge em Juiz de Fora o Centro de Estudos Cinematográficos (CECJF), organizados pelos jovens Luiz Affonso Queiroz Pedreira, Affonso Romano, Helyon de Oliveira, Amaury Costa, Armando Medeiros, Celina Bracher e Reydner Gonçalves. A nova entidade cultural nasce ambicionando uma atuação na cidade que emerge dessa decisão de levar o mesmo nome do Centro de Estudos Cinematográficos de Minas Gerais (CECMG).

O CECMG, fundado em 1951, foi o mais significativo movimento de cinefilia do Estado de Minas Gerais e responsável pela publicação da *Revista de Cinema*, uma das mais importantes publicações sobre cinema no Brasil, e referência obrigatória para todos aqueles que se interessavam pela arte cinematográfica. Dada a importância do CECMG não apenas no Estado de Minas Gerais, mas em todo Brasil, a decisão de se criar um cineclube em Juiz de Fora com o mesmo nome é sintoma do papel que pretendem assumir na cidade, como podemos ler no material de divulgação do CECJF¹:

É uma entidade com finalidades culturais, relacionadas com o estudo do cinema como arte. Seus associados preocupam-se em apreender o fenômeno cinematográfico, no que ele tem de mais específico, e, ao mesmo tempo, abrangendo uma dimensão social que ele reflete e que atinge a todos. (grifo nosso)

O CECJF funcionou inicialmente sem uma sede social, mas em 1960 passou a ocupar regularmente um espaço localizado no Edifício Baependi, na Rua Halfeld número 805 no centro da cidade. A entidade organizava cursos, palestras, debates e exibições de filmes e contava com uma biblioteca especializada em cinema, com revistas nacionais e estrangeiras.

Como quase toda entidade cultural sem fins lucrativos, o CECJF sempre passou por dificuldades financeiras e contava principalmente com a mensalidade de seus sócios para se manter, como podemos observar pelo Boletim da entidade de novembro de 1961.

Importante: A partir do mês de novembro não serão admitidas nas sessões, pessoas que não possuam fichas no CEC. Pedimos também o obséquio de levarem sempre as exibições o talão de recibo do mês em curso. E pedimos que se evite atraso nos pagamentos. O CEC tem um programa vasto a ser cumprido, mas sem o apoio de todos volta a ser o que já foi há muitos anos: um sonho.

¹ As informações relativas ao CECJF foram obtidas na pesquisa com fontes primárias a partir do acervo da entidade depositado no Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. O acervo conta com correspondências expedidas e recebidas, boletim da entidade, material de divulgação, material administrativo, recortes de jornais, etc.

Ao analisar as correspondências expedidas pelo CECJF no período que se estende de 1961 a 1962 podemos notar que a entidade procurava atuar de forma propositiva na vida cinematográfica da cidade. O CECJF desenvolve suas atividades a partir de uma concepção do cinema como arte, dando destaque a cinematografias de países europeus, sobretudo a França, em detrimento ao cinema americano e também ao brasileiro, distendendo uma verdadeira campanha por esse cinema-arte na cidade de Juiz de Fora. Nesse momento estavam a frente da entidade: Geraldo Mayrink (presidente); Luis Affonso P. Ferreira (vice-presidente); Juan Ramón Conde (1º secretário); Ivanir José Yazbeck (2º secretário); Reydner Gonçalves (diretor Tesoureiro); José Geraldo de Castro Amino (diretor social); Paulo Sérgio Cardoso Simões (diretor de programação e arquivo). Salientamos que a maioria das correspondências expedidas pelo CECJF nesse período eram assinadas pelo presidente Geraldo Mayrink ou pelo 1º secretário Juan Ramón Conde.

Em julho de 1961, o CECJF envia uma carta a França Filmes do Brasil, responsável pela distribuição dos filmes franceses no país. Nessa carta, o CECJF solicita explicações em relação ao contrato da França Filmes com a Companhia Central de Diversões, empresa responsável por cinco cinemas da cidade (Central, Palace, São Luiz, Rex e São Matheus), alegando que a Companhia não está mantendo as exhibições de "filmes de arte" em dia na cidade. Nesta mesma carta, o CECJF alerta para o fato de que no período de abril de 1960 a maio de 1961 não foram exibidos nenhum filme da França Filmes em Juiz de Fora e continuam:

Não há França Filmes, mas uma programação de imbecilidade rara, até comercialmente falando...Esta campanha gratuita, cujo interesse único era a exibição dos filmes, acreditamos agora que pouco valeu. Um exibidor tão relapso como a CCD pouco se importa às críticas. Com cinco cinemas disponíveis, sua programação está sempre em atraso. E tem até o mau hábito de sabotar filmes.

Sem querer interferir na organização interna de sua firma, mas com o direito que julgamos ter em pleitear um bom cinema para o público, vimos pedir a V.Sas. que solucionem urgentemente a questão. Achamos incrível que a situação seja essa, quando se sabe que a FF está presente em toda parte.

Uma sugestão: tentem entrar em contato com o cinema Excelsior (Av. Rio Branco, 1909). O motivo é simples: trata-se de um cinema de primeira categoria (o melhor do Estado) que só opera com 4 distribuidoras: Imperial, United, Fox e UFA. Sua programação está rigorosamente em dia. Alguns filmes (como "Vidas em Fuga", "Glória sem Mácula", "Nunca aos Domingos") tiveram aqui sua estréia no Brasil. A publicidade que fazem é a melhor. A atenção que dispensam é isenta de críticas.

Mas é absolutamente necessário que, em caso de um possível contrato, o mesmo abranja toda a produção a partir do último exibido pela CCD.

Desta maneira, esperamos ter explicado convenientemente a questão lamentável da FF em JF. (Carta Exp., 05 de julho de 1961)

O grifo presente na carta demonstra uma preocupação da entidade em se manter em sintonia com as estreias no cinema no país e também em garantir, mesmo que em atraso, os filmes de arte que não foram exibidos em Juiz de Fora. Em um mercado cinematográfico brasileiro dominado pelo cinema norte-americano, Juiz de Fora, na condição de cidade do interior, sofre ainda mais essa dificuldade de exibição de filmes oriundos de outras nacionalidades. Os principais cinemas em atividade na cidade de Juiz de Fora na década de 1960 (Central, Palace, São Luiz, Rex, São Matheus, Cine Excelsior e Cine Popular) são dominados pelo cinema hollywoodiano, exibindo quando muito algum conteúdo nacional, como as chanchadas, aliás gênero execrado pelos críticos cinematográficos da época e assunto renegado nos cineclubes. Chama à atenção também nesta carta o fato do CECJF não apenas manifestar seu descontentamento com a Companhia Central de Diversões (CCD), mas indicar de forma propositiva que a França Filmes atue em nova frente ao indicar o cinema Excelsior como um possível parceiro. E é exatamente nessa direção que a entidade vai atuar em sua campanha "por um cinema de arte" na cidade, procurando intermediar um possível contrato entre a França Filmes e o Cine Excelsior. Em 13 de julho de 1961, o CECJF envia carta à direção do Cine Excelsior informando à respeito da correspondência que encaminhou à França Filmes em que indica o mesmo como um provável parceiro da França Filmes. Em 09 de agosto, em nova carta à França Filmes o CECJF informa que eles já haviam conversado com o diretor do Cine Excelsior sobre um possível contrato entre eles, mas que somente aceitariam com a condição de que a França Filmes fizesse um contrato de distribuição diretamente com eles, sem intermediadores. O CECJF dá como cumprido o seu papel de intermediador no processo e encerram a correspondência afirmando: "consideramos encerrada nossa atuação nesse impasse, colocando em suas mãos o encaminhamento do caso - gerado há já mais de um ano e cujos prejuízos de ordem cultural que causou estão a exigir uma solução urgente".

Mas, a preocupação do CECJF com a atividade cinematográfica na cidade vai além da programação de filmes em cartaz. Em 11 de setembro de 1961 encaminha carta à Art Filmes, detentora de um terreno central na cidade de Juiz de Fora. Nessa correspondência o CECJF demonstra seu descontentamento com a notícia, que não sabem ser verídica, de que a empresa venderia o terreno que seria destinado a construção de seu cinema. Movidos pelo desejo de demovê-los da ideia, o CECJF aponta cinco razões para que não vendam o terreno:

- 1) JF é uma cidade de 150 mil habitantes, sem teatros, centros noturnos, e onde o cinema é a única diversão permissível.
- 2) para atender a esta população, existem 4 cinemas centrais.
- 3) Há uma razoável cultura cinematográfica, manifesta na existência de cine-clubes.
- 4) A cidade não vê filmes europeus de classe, já há dois anos.
- 5) A localização de seu terreno é perfeitamente adequada à construção de um cinema.

Como podemos notar, O CECJF atuava efetivamente na vida cinematográfica da cidade, mesmo em questões que parecem bem distantes de seu controle, como a venda de um terreno por uma empresa como a Art Filmes. Mas, acreditando na sua missão de divulgar a arte cinematográfica, o CECJF se utiliza de uma rede de influências para ampliar seu campo de atuação na cidade ou mesmo para conseguir um contato com entidades culturais correlacionadas. Affonso Romano de Sant'Anna, escritor, poeta e um dos fundadores do CECJF, envia carta, em tom bem pessoal, ao amigo editor do *Suplemento do Diário Mercantil*² solicitando apoio no sentido de acolher as colaborações dos associados do CECJF. Em suas palavras: "é uma maneira de fazer uma blitz contra a burrice local" (26 de dezembro de 1961). Aliás, independente do apoio do escritor Afonso Romano, o CECJF procura manter sempre informada a imprensa local sobre as atividades da entidade, enviando sempre os seus boletins a redação dos jornais locais. Diferente do CECMG, em que boa parte de seus sócios tiveram uma atuação importante como críticos cinematográficos, não apenas durante a existência da *Revista de Cinema*, mas sobretudo como colunistas nos mais diversos jornais da cidade de Belo Horizonte³, os membros do CECJF não seguiram o mesmo caminho. Ao contrário, chegavam a encontrar dificuldades em ver seus comentários publicados ou mesmo seus eventos divulgados na imprensa local. Exemplo disso vem a ser a carta de Affonso Romano ao editor do *Suplemento do Diário Mercantil* que mencionamos acima.

De qualquer modo, o incansável CECJF, não desiste de sua luta e se empenha em trazer para a cidade de Juiz de Fora as novidades cinematográficas que causam furor nas principais rodas culturais das capitais brasileiras.

² O *Diário Mercantil* pertencia ao *Diários Associados* de propriedade de Assis Chateaubriant e era o jornal de maior circulação na cidade de Juiz de Fora.

³ Apenas para citar alguns nomes: Cyro Siqueira (O Estado de Minas); Maurício Gomes Leite (Diário da Tarde e posteriormente Jornal do Brasil); Paulo Leite Soares (O Estado de Minas); José Haroldo Pereira (Folha de Minas)

Preocupada em formar um público e também com intuito de conseguir uma fonte de renda para além das mensalidades dos sócios, o CECJF promoveu algumas pré-estreias na cidade, como a do filme *Acossado* (1960) de Jean-Luc Godard, em 29 de outubro de 1961 no Cine-Theatro Popular e, a do filme franco-japonês *Hiroshima Mon Amour* (1959) do diretor francês Alain Resnais, em 11 de março de 1962 no Cine Palace. Ambas as pré-estreias são fruto de uma parceria entre a *Associação de Cultura Franco-Brasileira* e a *França Filmes do Brasil* que cedeu os filmes gratuitamente ao CECJF. O primeiro ponto que chama nossa atenção é a pré-estreia de *Acossado* ter ocorrido antes do filme *Hiroshima Mon Amour*, já que o filme de Godard foi lançado, no Brasil, posteriormente ao filme de Resnais. Outro dado é a exibição de *Hiroshima Mon Amour* ter ocorrido na cidade apenas em março de 1962, dois anos após seu lançamento no Brasil, o que reafirma a preocupação da entidade ao cobrar em 1961 uma solução para ausência nos cinemas dos filmes distribuídos pela França Filmes, como demonstramos anteriormente pelas correspondências do CECJF a essa distribuidora.

Apesar dessa defasagem de tempo em relação aos grandes centros do país, *Hiroshima Mon Amour* ganha destaque na atividade do CECJF e a entidade deposita todos os seus esforços nessa exibição inédita na cidade, o que demonstra que a diretoria acompanhou a enorme repercussão de *Hiroshima Mon Amour* pelos jornais e revistas de todo o país. Em carta a Décio Cataldi do *Diário Mercantil* e a Maria de Lourdes Costa da *Gazeta Mercantil* o CECJF solicita apoio na divulgação do evento: "sabendo que V.Sa. acolhe sempre com agrado as iniciativas culturais, rogamos publicar o maior número de vezes possível, o que ajudará garantir o sucesso da promoção"(01 de março de 1962).

Em consulta ao *Diário Mercantil* do mês de março de 1962, verificamos que no dia 10 de março, dia anterior a pré-estreia, o colunista Décio Cataldi abre espaço para o CECJF através de uma coluna intitulada *Crônica Diária* com subtítulo *Onde começa o cinema* e traz a seguinte nota do redator: "Esta crônica foi escrita por um amigo e colaborador, um conhecedor dos assuntos relacionados com o cinema". O texto que segue não é assinado, mais ao que tudo indica foi escrito por um dos membros do CECJF que aproveita para reafirmar a importância do cinema como arte, diz ele:

O cinema é um fenômeno, o maior de nosso tempo: na verdade, das decorrências naturais do fato cinematográfico constituem a conquista cultural mais importante

do século XX. Em dois sentidos: o cinema é a coisa mais importante da cultura moderna pela própria grandeza do filme em si e pela multiplicação dessa grandeza pelo público: um livro, um disco, uma peça, um discurso, um panfleto, nada disso atinge a tantos e tão fundo como o cinema. Nunca um filme ambicioso ousou tanto ter várias identidades como "Hiroshima Meu Amor" na realidade, "Hiroshima" não é só um filme, o mais extraordinário já feito: é também um poema, um quadro de uma pintura, uma escultura viva.

No dia seguinte (11 de março) a *Coluna Católica* do *Diário Mercantil* que traz um item intitulado *Cotação moral dos filmes em cartaz* comenta:

Hiroshima, Meu Amor, a conclusão da meditação do filme sobre o amor é pessimista e desesperada. É a negação do amor que justamente constrói no tempo e espaço. E ademais o AMOR não é [...] a entrega do corpo, como o filme sugere decentemente, mas também nada sugere de espiritual, nada da caridade qual São Paulo escreve em suas cartas. Por isso, o filme será para a maioria das platéias um filme prejudicial. Leia maiores e melhores comentários em sua TORRE DE MARFIM.

A pré-estreia que aconteceu no dia 11 de março no Cine Palace às 10:30 horas da manhã, contou ainda com uma palestra no dia anterior do "crítico e diretor de cinema" Sr. Amy B. Courvossier da Unifrance Film na Associação de Cultura Franco-Brasileira, uma vez que o Cine Palace não oferece condições técnicas para uma palestra no local, como afirmam em carta⁴. É importante ressaltar que o cinema produzido na França foi divulgado no Brasil através da atuação da Unifrance e França Filmes que mantiveram parcerias com entidades culturais como o CECMG, a Cinemateca do MAM do Rio de Janeiro e a Cinemateca Brasileira em São Paulo, que promoveram importantes Retrospectivas do Cinema Francês. Esse apoio também se faz presente em Juiz de Fora, já que a pré-estreia de *Hiroshima Mon Amour* integra e abre a Retrospectiva do Cinema Francês promovida pelo CECJF apenas aos associados entre os dias 02 a 15 de abril de 1962.

Como o filme foi cedido pela França Filmes gratuitamente, o dinheiro arrecadado com a exibição de *Hiroshima Mon Amour* seria revertido para o CECJF. O acordo com a Companhia Central de Diversões, proprietária do Cine Palace, aquela mesma entidade que segundo o CECJF não estava comprometida com a exibição de filmes de arte na cidade, previa que 30% do total de ingressos vendidos ao custo de CR\$ 100,00 seriam destinados a Companhia.

⁴ Carta expedida do CEC ao crítico José Haroldo Pereira, 22 de fevereiro de 1962.

Procurando obter o máximo de lucro possível com a exibição do filme o CECJF emite carta ao então Prefeito da cidade de Juiz de Fora, Sr. Olavo Costa, solicitando a liberação do imposto de diversões cobrado pela prefeitura, demonstrando a importância dessa bilheteria para a manutenção da entidade.

A expectativa em torno da exibição é tão grande que o CECJF, em carta ao crítico de cinema José Haroldo Pereira, também membro do CECMG, solicita o envio de um texto explicativo sobre o filme a ser distribuído nos cinemas, já que "Hiroshima não pode ficar sem um texto", e espera distribuí-lo a 1.200 espectadores. Não encontramos registro no acervo do CECJF do público que assistiu ao filme, mas em algumas cartas afirmam ter sido um grande sucesso.

A exibição de *Hiroshima Mon Amour* e a Retrospectiva do Cinema Francês foi amplamente divulgado pelo CECJF aos seus pares. Em 18 de abril a entidade envia carta endereçada a vários cineclubes, como o Cineclube Cearense, Clube de cinema de Bauru, Clube de cinema da Bahia, clube de cinema de Ribeirão Preto, Cineclube Pro Deo, Federação Gaúcha de Cine Clubes, Cinemateca Brasileira e Cinemateca do MAM, informando das atividades e afirmando ser essa a maior programação já realizada na cidade de Juiz de Fora. Nessa mesma data enviam também carta a Cinemateca Francesa comunicando o feito na cidade e o sucesso da sessão pública e comercial de *Hiroshima Mon Amour*.

A campanha em prol de um cinema de arte na cidade encontra na exibição de *Hiroshima Mon Amour* seu melhor momento. *Hiroshima Mon Amour* repercutiu na imprensa brasileira como um "filme difícil" e que portanto não faria uma boa bilheteria no Brasil. Esse feito na cidade de Juiz de Fora é muito comemorado pelo CECJF que em carta a França Filmes em que agradece à sua boa vontade em emprestar anteriormente *Acossado*, e mais recentemente *Hiroshima mon amour* à cidade (mais especificamente ao CECJF), afirmam que a exibição do segundo filme foi sucesso de bilheteria no Cinema Palace, isso apreendido por depoimentos dos próprios funcionários do cinema "e serviu para destruir o antigo tabu segundo o qual filme inteligente não dá dinheiro em JF". (22 de abril de 1962)

Referência Bibliográfica

Acervo do CECJF depositado no Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora.

BRUM, Alessandra. *Hiroshima Mon Amour e a recepção da crítica no Brasil*. Campinas, Tese de doutorado, IA/Unicamp, 2009.

SILVA, Alessandra Belo Assis. *Trabalho, Justiça e Reestruturação Produtiva. Juiz de Fora, década de 1950*. São Paulo: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, julho 2011.

COUTINHO, Mário Alves & GOMES, Paulo Augusto. *Presença do CEC: 50 anos de cinema em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Crisálida, 2001.

DIÁRIO MERCANTIL. março de 1962. Acervo do Arquivo Municipal da cidade de Juiz de Fora.

MUSSE, Christina Ferraz. *Imprensa, Cultura e Imagário Urbano. Exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora*. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora: Funalfa, 2008.

_____. *A trajetória do Diário Mercantil: alter ego da cidade de Juiz de Fora*. In: Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, 2008.

OLIVEIRA, Elysabeth Senra. *Uma geração cinematográfica. Intelectuais mineiros da década de 50*. São Paulo: Annablume, 2003.

RIBEIRO, José Américo. *O cinema em Belo Horizonte. Do cineclubismo à produção cinematográfica na década de 60*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

RIBEIRO, Brênio Peters; ARANTES, Haydêe Sant`Ana; MUSSE, Christina Ferraz. *CEC - Centro de Estudos Cinematográficos: a memória do pioneirismo do cineclube em Juiz de Fora*. Anais do VII Encontro Nacional de História da Mídia, Unicentro, Guarapuava, Paraná, 2011.